

## Linguagens literárias e a reinvenção da Brasilidade

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria Inez Machado Borges Pinto  
Prof<sup>a</sup>. Livre Docente do Depto. de História da FFLCH/USP

Nos movimentos, manifestos e declarações de princípios que se desdobravam do movimento de 1922 é possível discernir dois caminhos sucessivos. O primeiro, mais imediatamente, característico dos primeiros modernistas, enxergava a modernidade como espécie de ordem universal à qual se teria acesso de forma imediata, pela simples adoção de procedimentos considerados modernos. Nesse sentido, 1922 foi um momento de atualização da inteligência artística nacional, como tão bem diagnosticou Mário de Andrade, um dos seus nomes mais notáveis. Bastava acertar o atrasado relógio brasileiro ao relógio universal das nações cultas.

Foi a fase da euforia dos artistas e intelectuais com as linguagens, temas e técnicas extremamente flexíveis da estética europeia da vanguarda; desvario, velocidade, simultaneísmo perplexidade com o novo, seduções futurísticas e despreendimento em criar, por imitação, uma literatura tributária da tecnologia e do cenário das recentes urbanidades.

Reacendem-se e reavivam-se, neste momento ingênuo e iconoclasta, os mitos do Brasil como país novo ou da civilização jovem: se o passado nos condena, o futuro é sempre promissor, exclama um dos escritores mais exaltados deste período, Menotti Del Pichia, em 1923. Ainda presos à retórica das metáforas organicistas, os intelectuais deste primeiro momento modernista interpretam o mundo do pós-guerra como uma confirmação parcial da análise de Spengler, que prognosticou a marcha dos acontecimentos como irreversível, de leste a oeste, da velha Europa na direção da jovem América. Para os modernistas brasileiros, entusiastas do primeiro momento, o Brasil aparecia-lhes como o organismo sadio e jovem enquanto a Europa representava o mundo decadente que deveria ser substituído, no futuro, pela América triunfante.

O segundo caminho, de inspiração universalista, presumia que o acesso ao mundo moderno se daria por meio de uma mediação, a entidade nacional, implicando, portanto, num mergulho mais profundo na realidade do país. Por esta outra ótica, o Brasil era apenas uma parte do concerto internacional; portanto, precisava descobrir sua própria identidade, sua própria especificidade, sua própria singularidade. Os intelectuais brasileiros afirmavam-se numa luta contra as versões tradicionais que pesavam no conhecimento da realidade brasileira.

Procurando sepultar, definitivamente, a imagem do Brasil expressa na estética passadista, os intelectuais dos anos vinte estavam, no geral, empenhados na modernização do país, o que implicava numa operação de sua quase redescoberta ou reinvenção. Operação através da qual acesso a modernidade se daria por meio de uma mediação: a entidade nacional, a brasilidade. A nação deveria ser compreendida como parte, passando a compor, enquanto tal, uma totalidade no concerto internacional. Mário de Andrade, talvez o intelectual mais representativo desta geração dizia, numa frase que ficou famosa: precisamos ser nacionais, para que possamos ser universais. Ou seja, sendo apenas uma parte deste jogo, precisamos descobrir a nossa própria identidade nacional, ou seja, o universo deveria ser atingido por meio do singular, do particular. O particular seria uma propriedade intrínseca, a especificidade da cultura brasileira, a brasilidade, enfim.

O artificialismo que permeava toda a estrutura brasileira teria atingido em cheio a intelectualidade, especialmente a litoral-cosmopolita. Machado de Assis, criticado por seu cosmopolitismo dissolvente, de um lado, e Euclides da Cunha, ligado à força da terra, de outro, representariam parâmetros da atividade intelectual

balizados numa dicotomia que relacionava sertão/brasilidade e litoral/cosmopolitismo.

Bastante conservadora, impregnada do modelo do realismo/naturalismo, enfocando o homem rude do sertão com ingênuos arroubos românticos idealizadores do interiorano e da paisagem que o envolve, essa literatura sertanista-cabocla voltou-se também para a exaltação dos mitos paulistas, especialmente o bandeirante, entronizado como verdadeiro herói nacional.

Ao delinear-se este segundo caminho, que caracterizou o denominado segundo tempo modernista, a partir do ano de 1924, podemos vislumbrar com muito mais clareza no horizonte intelectual deste movimento o desafio crucial de uma reinvenção da história brasileira. Iniciando-se em 1924 e prolongando-se até os anos quarenta, esta época será marcada por uma produção cultural extremamente rica. Serão obras de arte, livros, poemas e filmes caracterizados, em todos os níveis e nos seus traços mais salientes, por um dilacerado desejo modernista de compreender o país, de repensá-lo, rejeitando as teorias colonizadoras e todas as explicações de cunho determinista: clima, raça, miscigenação que ainda pesavam nos autores mais velhos. Por meio de registros escritos memoráveis, discursos visuais ostensivos e imagens plásticas ou filmicas, Paulo Prado, Guilherme de Almeida, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Cândido Portinari, Murilo Mendes ou Humberto Mauro todos produziram narrativas brilhantes, sólidas, paradigmáticas, quase que pequenas obras-primas da história brasileira, mas todos também engendraram significados e sentidos muito diversos, ou ainda, desdobramentos políticos muito peculiares que é necessário apontar. Mas para além das suas diferenças, todos os registros caracterizam-se por um desejo angustiado de compreender o Brasil, de repensá-lo, rejeitando, de alguma forma, as narrativas intelectualistas, até então construídas a partir do clima, da raça, da miscigenação — enfim, resgatando todas aquelas hipotecas deterministas e racistas que pesavam sobre a compreensão do país.

Foi, portanto, esta ansiedade pela descoberta da brasilidade, nascida com a atualização da inteligência brasileira a partir de 1922, que conduziu a uma profunda necessidade de rever o passado.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.